

Volta da chuva aumenta nível de rios e gera alerta no RS

Estado ainda convive com os impactos das enxurradas das últimas semanas

Por Leonardo Vieceli e Isabela Palhares (Folhapress)

A Defesa Civil do Rio Grande do Sul afirmou, neste domingo (12), que municípios do estado voltaram a registrar volumes significativos de chuva. Segundo o órgão, o quadro foi verificado no centro gaúcho, na região metropolitana de Porto Alegre e na Serra.

Com a situação, o governo estadual e prefeituras alertam para a possibilidade de novas cheias e orientam a população a buscar ou permanecer em locais seguros.

O estado convive com os impactos das enxurradas que deixaram um rastro de mortes e destruição nas últimas semanas. O cenário ganha contornos ainda mais dramáticos com a queda das temperaturas, que aumenta os desafios da população em abrigos.

A Defesa Civil alertou neste domingo que o nível do lago Guaíba, que inundou Porto Alegre, pode voltar a ultrapassar os cinco metros. As fortes chuvas e a vazão de rios de outras regiões podem levar a um novo repique no lago.

O nível de água no Guaíba seguia em queda desde quinta-feira (9), mas voltou a subir neste sábado (11). Segundo monitoramento divulgado pelo governo gaúcho, o patamar estava em 4,65 metros às 13h deste domingo.

O número é considerado alto. Quando o lago atinge 2,5 metros, é emitido um alerta. Quando chega a três metros, é



Carlos Macedo/Folhapress

Chuvas neste mês de maio causaram uma verdadeira catástrofe no Rio Grande do Sul

registrada inundação.

Porto Alegre vive a pior enchente de sua história. Ruas e avenidas ficaram alagadas, e o aeroporto Salgado Filho está fechado devido ao acúmulo de água na pista e em áreas internas. O Guaíba chegou a 5,33 metros neste início de mês.

“O Guaíba voltou a apresentar elevação dos níveis, com expectativa de se elevar para valores acima dos 5 metros, conforme a chegada da vazão pelos rios contribuintes e a atuação dos ventos”, afirmou a Defesa Civil neste domingo.

“Em função dessa chuva

volumosa, praticamente todos os grandes rios do estado apresentam tendência de elevação, com elevações rápidas em cotas de inundação nas bacias dos rios Caí e Taquari, e posteriormente no Jacuí, sendo que as cidades no delta das respectivas bacias ainda estão em cotas de alerta ou inundação”, acrescentou o órgão.

Novas cheias

Em Lajeado (a cerca de 120 km de Porto Alegre), no Vale do Taquari, o prefeito Marcelo Caumo disse nesta manhã que o domingo de Dia das Mães

será de “muito trabalho”. Ele indicou que a projeção é de uma nova cheia na cidade.

Lajeado é o município onde uma loja da rede Havan ficou tomada pela água. A imagem da cena ganhou ampla repercussão nos últimos dias.

“O rio já ultrapassou a cota de 22 metros. Vamos ter mais uma grande cheia. A chuva se avolumou nas cabeceiras durante a noite e deve superar a cota de 28 metros”, afirmou Caumo.

Conforme a Prefeitura de Lajeado, as primeiras residências são atingidas quando o

Taquari alcança o patamar de 19,8 metros. A orientação é para que a população fique em locais seguros.

Também há alerta em outros municípios do Vale do Taquari. Em Muçum (a cerca de 150 km de Porto Alegre), o prefeito Mateus Trojan pediu nesta manhã que as pessoas em áreas de inundação se retirem de casa.

“Já estamos nos aproximando da cota de inundação. Vamos chegar, certamente, a pelo menos 20 metros. A tendência é de que tenhamos elevação maior”, disse.

“Ainda não parou de chover

em algumas regiões mais altas. Tem muita água para vir das nossas cabeceiras. As vazões das barragens apresentam elevação muito significativa.”

A região do Vale do Caí é outra em alerta. A Prefeitura de São Sebastião do Caí (a cerca de 60 km da capital) afirmou que o rio continua em elevação no município vizinho de Feliz e disse que o nível vai ultrapassar os 16 metros.

A orientação local também é para que pessoas deixem suas casas. Segundo a prefeitura, o entulho levado pelas inundações para as ruas dificulta o acesso de barcos que realizam salvamentos.

O governador Eduardo Leite (PSDB) fez um alerta nas redes sociais para o risco de novas inundações no estado com a elevação dos rios. Leite ressaltou que a situação ainda é de emergência.

“Nos rios Gravataí e Sinos, continua o represamento das águas na confluência dos rios no delta do Jacuí com o Guaíba, com a manutenção dos níveis ainda elevados e retorno da elevação. No baixo rio Uruguai, já se observa uma estabilidade e declínio a partir de São Borjá”, afirmou a Defesa Civil.

As novas chuvas deste fim de semana causaram temores de novos desastres. “Muita gente vê a chuva e está traumatizada. A gente nota o susto das pessoas. A gente sabe que quando chove acaba aumentando mais a água”, disse à agência AFP Enio Posti, bombeiro de Porto Alegre.

Trabalho de voluntários animam mães gaúchas em abrigos neste domingo

Por Matheus Teixeira e Pedro Ladeira (Folhapress)

O almoço de família de Dia das Mães dos desabrigados do Rio Grande do Sul deste ano dará lugar a tristeza e a atividades comandadas por voluntários para animar as mulheres que tiveram as casas alagadas e destruídas.

As enchentes que atingiram o estado já causaram mais de cem mortes e obrigaram mais de 600 mil pessoas a saírem de suas casas

Ginásios, instituições de ensino e associações abriram suas portas para receber os cerca de 80 mil desabrigados no estado. Voluntários e funcionários das prefeituras tentam organizar a rotina dos espaços.

Para este domingo (12), Dia das Mães, eles preparam atividades com mães e filhos a fim de animar as famílias, que, na maioria dos casos, perderam a casa, os bens e as memórias que estavam dentro dela.

No centro esportivo municipal de São Leopoldo, cidade que tem cerca de 235 mil habitantes e 180 mil desalojados, os responsáveis pelo espaço organizaram neste sábado um grande salão de beleza improvisado para as mulheres. O local chegou a abrigar 2.000 pessoas, e atualmente ainda tem 800.

A dona de casa Muriele Bronzane, 20, tem três filhos e conta que antes da chuva tinha combinado com o resto da família, que morava no mesmo

bairro, um almoço para este domingo. Agora, foi para o abrigo porque, além dela, todos os parentes também perderam suas casas.

Ela gostou da iniciativa dos organizadores. “Fiz cabelo, unha e maquiagem. Foi muito bom para renovar a autoestima, se sentir mais mulher, mais mãe”, diz.

O marido dela fazia gesso e perdeu todas as ferramentas de trabalho. Muriele diz que ainda não contou para os filhos que sua residência esta tomada de água até o teto.

“Na hora que a gente voltar lá não quero levar eles para não verem a situação que ficou a casa. Todas as coisinhas deles estavam lá, o material escolar, os brinquedos, as roupas, a TV que eles gostavam”, lamenta.

A Unisinos, uma das maiores universidades privadas do país, também fez um abrigo em seu ginásio esportivo. Situada em São Leopoldo, recebe cerca de 2.000 pessoas atingidas pela enchente, com cinco refeições diárias.

Os organizadores dizem que ali se formou uma espécie de mini-prefeitura, com divisão de tarefas e responsabilidades. Professores, funcionários e alunos ajudam na gestão do abrigo.

A instituição fará uma missa com o reitor, que é padre, na manhã de domingo (12). As atividades no local não serão voltadas exclusivamente às mães. Oficinas com brincadeiras interativas e musicais tam-



Rafael Dalbosco/TheNews2/Folhapress

Voluntários trabalham em área de coleta em Passo Fundo, para às vítimas das chuvas

bém estão planejadas.

“Vamos falar que é o dia da família, porque se a gente direcionar só para as mães, como ficam as mulheres que não estão com as mães ou filhos aqui? E os homens que estão longe da mãe? Como isso vai ficar na cabeça das pessoas?”, diz a psicóloga Joana Pereira, voluntária no local.

A atendente Roseane Freitas, 23, tem um casal de filhos, um com seis meses e outra com três anos, e está na Unisinos há uma semana. Ela diz que a adaptação da filha mais velha no abrigo foi complicada.

“No início foi bem difícil, porque ela não está acostumada a conviver com tantas crianças. Ela sempre foi uma criança que brincava sozinha em casa. Agora é tudo novo. Ela não gosta de di-

vidir os brinquedos, mas já está se adaptando melhor, aprendendo com a necessidade”, afirma ela, que planeja ir à missa. “Vou se eu conseguir, porque minha menina não para, fica brincando 24 horas por dia e eu tenho que cuidar dela.”

A vendedora Janaína Lucas de Oliveira, 29, tem quatro filhos e está há uma semana no centro esportivo de São Leopoldo. “Nunca imaginei passar um Dia das Mães nessas condições e muito menos meu aniversário, que é no próximo dia 19. Já estava tudo pronto para a festa de 30 anos. Mas foi adiada. O que a gente pode fazer, não é?”, lamenta.

Ela ficou feliz com o salão de beleza improvisado no local pelos voluntários. “Bem bonita

e agradável a ação. Muito bacana”, elogia.

Janaína conta que ficou amiga das pessoas que dormem nos colchões próximos ao dela e que ela chama de vizinhas. No entanto, afirma que a rotina está difícil. “Uns dormem 3h da manhã, outros às 2h, às vezes brigam”, conta.

A dona de casa Franciele Brito, 26, tem uma filha de 5 anos. “A pequena ficou doente e eu também fiquei. Dormir nesse chão é um horror. Peguei infecção no ouvido de dormir nesse chão gelado”, afirma.

Ela diz que a única pessoa da família que não foi atingida pela enchente é uma irmã que mora em Santa Catarina. O deslocamento para o outro estado vizinho está difícil. “A

água nunca tinha chegado nem perto lá da minha casa. É muito triste ver o que aconteceu. E a chuva continua. Não sei quando vamos conseguir ir ver como ficou a casa”, afirma.

A dona de casa Marileia da Rosa, 40, comemora que seu filho está na casa de um amigo em local seguro, porque tem achado difícil viver no abrigo. Ela diz que morava com seu marido de aluguel e que a casa provavelmente foi destruída, porque as madeiras já estavam frágeis. Agora os dois e seus dois cachorros estão no abrigo.

Marileia pede que o governo dê um auxílio aluguel porque prevê dificuldade na recuperação. Ela é dona de casa e o marido não consegue trabalhar devido a um enfisema pulmonar.

Ela diz que trata um quadro de depressão e que a situação a fez piorar. “Eu tomo remédio e tinha acabado. Agora consegui um. O que me atingiu mais foi a depressão, piorou muito”, afirma.

“Perdi todas minhas roupas. Está difícil até para conseguir uma calcinha e eu preciso de uma, já pedi”, afirma.

A doméstica Saionara de Oliveira, 56, está há uma semana no abrigo da Unisinos com o marido e a filha de 15 anos. Mesmo se estivesse em casa, porém, não iria fazer nenhuma celebração de Dia das Mães. “Eu não queria mesmo, faz dois meses que perdi meu filho. Matarem ele. Eu não ia comemorar.”